

A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA EM NARRATIVAS DE PEREGRINOS: O SANTUÁRIO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA E O SANTUÁRIO DO DIVINO PAI ETERNO*

Maria da Conceição Silva**

Resumo: esta pesquisa investiga algumas narrativas de feis, peregrinos e romeiros, do santuário de Santiago de Compostela e do santuário do Divino Pai Eterno em Trindade. O enfoque teórico que sustenta esta investigação entende a dimensão humana a partir das tipologias da consciência histórica como carência de orientação da vida (RÜSEN). As temporalidades, passado, presente e perspectivas de futuro, são categorias para o sentido do que é ser um fiel peregrino, que narram formas comuns de devoção ao cristianismo. As experiências desse fiel-peregrino, seja homem ou mulher, representam o sentido às suas carências de orientação dadas as ausências humanas com as perdas, bem como o sofrimento.

Palavras-chave: Consciência histórica. Peregrinos. Narrativas. Europa. Brasil.

DOIS SANTUÁRIOS

O santuário de Santiago de Compostela que se localiza na Galícia, norte da Península Ibérica/Espanha, foi construído a partir da história eclesiástica de Tiago (Tiago Zebedeu ou Tiago Maior). A data é incerta, mas, existe um consenso que pode ser observado em documentos eclesiásticos com a invenção da tradição do santuário no século IX. Nos cânones, a tradicional invenção originou a fundação de um dos mais importantes santuários no ocidente cristão. O fio inicial dessa história está nas escrituras bíblicas a partir da história em torno de Tiago Zebedeu como apóstolo de Cristo.

* Recebido em: 00.00.2017. Aprovado em: 00.00.2017.

** Docente na Faculdade de História e no Programa de Pós-Graduação em História da UFG.
E-mail: mariacsgo@yahoo.com.br.

A peregrinação compostelana está explicada, nos evangelhos, canônicos e apócrifos, e nos feitos dos apóstolos, Tiago é próximo de Cristo. Já o “*Breviarium Apostolorum, de finais do VI, ao Códex Calixtinus, ou a Lenda dourada*”, fundamentam a tessitura histórica, inicialmente, com a missão de Tiago como evangelizador; em seguida, sua morte e a descoberta do sepulcro em *Liberum Donum*, (atual Santiago de Compostela). (YZQUIERDO PERRÍN, 2015, p. 55-6). Assim foram constituídos os alicerces principais para a invenção da tradição cristã, coroada com a visitação monárquica e episcopal ao local do sepulcro. Dessa maneira, os poderes eclesiásticos e monárquicos fundaram o imaginário simbólico sobre Tiago Zebedeu, que deu origem e orientou o sentido do santuário compostelano, que outorgou à Galícia importante destaque como santuário de peregrinação no ocidente cristão. Pois: “Desde que [...] se descobriu o sepulcro de São Tiago começaram a chegar devotos que vinham venerar as suas relíquias” (YZQUIERDO PERRÍN, 2015, p. 62). Já Rucquoi (2013, p. 28) ressalta que: “Dos siglos después del descubrimiento del sepulcro, Santiago atraía efectivamente a peregrinos llegados de muy lejos”. A origem desse santuário se associa a história sobre o santo Tiago como símbolo do cristianismo ocidental, que fez da devoção uma constante religiosidade desde o século IX (SÁNCHEZ BARGILA, 2015, p. 27). Dessa maneira, a história da peregrinação europeia e de outros continentes, tem perpassando séculos alinhavada à história do santuário e dos fieis peregrinos que se dirigem a Galícia. São pessoas que buscam um sentido através da peregrinação até Santiago. Daí pôde-se elaborar estatísticas sobre a quantidade de devotos-peregrinos, de diferentes nacionalidades, que, constantemente, visitam Santiago.

No século XX, a alta frequência de peregrinos se intensificou, possibilitando o desenvolvimento da política de preservação patrimonial com o *Programa de Itinerários culturais do Conselho da Europa*, no ano de 1997, (SÁNCHEZ BARGIELA, 2015, p. 29). Nesse ínterim, o caminho francês recebeu o título de caminho original, por onde, desde séculos passados, há o maior trânsito de peregrinos em direção a Santiago de Compostela. São homens e mulheres que entrecruzam as montanhas, os vales e as fronteiras, os lugares que não deixam de ter a sua importância histórica relacionada à tradição cristã da Península Ibérica. Esses fieis narram as suas experiências sobre o sentido da peregrinação desde o caminho até o santuário, manifestam a crença e, assim, mantêm a tradição ao santo Tiago.

O santuário do Divino Pai Eterno, localizado na cidade de Trindade, no estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil, foi fundado em torno da história do medalhão encontrado por um casal de agricultores no século XIX, por volta de 1848 (DEUS, 2000, p.123). Este fato deu origem a um dos maiores santuários católicos de Goiás (a antiga romaria do Barro Preto, como assim se chamava

o local); surgiu uma irmandade para administrar o santuário do Divino Pai Eterno, cuja iconografia era a do medalhão encontrado pelo casal Constantino. A região de Goiás foi área de mineração no século XVIII e com a entrada das bandeiras vindas de São Paulo, certamente, passando pela região de Barro Preto (atual Trindade), à época pertencia ao lugarejo de Campininhas, à procura do caminho de acesso as *minas de Villa Boa de Goyaz*, ou de outras localidades até mesmo em direção as minas de Mato Grosso, perderam o medalhão que, muitos anos depois, fora encontrado pelo casal de agricultores.

A interferência direta da igreja na clericalização da festa foi alvo de conflitos entre o bispo romanizador, D. Eduardo Duarte e Silva (1891-1908), e membros dessa irmandade (leiga), que se apossava das rendas obtidas nos festejos (SILVA, 1948, p. 327-8). O conflito fez com que o bispo reverberasse à administração da festa a um padre de sua confiança e, mais tarde, aos padres redentoristas. Estes, ainda, permanecem no domínio do santuário. Essa história deu legitimidade ao santuário com a visitação de fieis romeiros, que podem ser associados a peregrinos, devotos do santo. A história do surgimento da festa em devoção a imagem estampada no medalhão não foi bem aceita pela Igreja romanizadora do bispo, Eduardo Duarte e Silva, que se apossou do medalhão, comprovando a longevidade da peça e a mantendo sob o poder da igreja. Comprovou-se que:

O medalhão existe e está sob os meus cuidados. De acordo com a análise feita no Instituto Histórico de São Paulo, é provável que ele tenha mais de 250 anos e isso nos leva a crer que de fato é o medalhão original. Há o uso desta estampa da Santíssima Trindade em outros lugares. Pela história nós sabemos que no século XVIII houve uma grande exploração de ouro no Centro-Oeste goiano (DEUS, 2000, p. 123).

O arraial de Barro Preto recebeu o nome de Trindade em homenagem à Santíssima Trindade estampada no medalhão, e se tornaria o santuário da romaria aos devotos do Divino Pai Eterno, procedentes de várias localidades da região Centro-Oeste.

Maria Socorro de Deus ao pesquisar os romeiros de Trindade no século XX, ressalta as maneiras de expressão da devoção ao tríduo (Divino Pai Eterno), entre as quais pode-se destacar o pagamento de alguma promessa a ser cumprida nos pés da imagem no santuário. Desde o início do século XX, se observa a existência de uma cultura religiosa regional, iniciando-se a partir das longas caminhadas de fieis, entre os meses de junho e início de julho de cada ano, para o cumprimento de uma promessa ou para agradecer a graça recebida, segundo a sua crença no Divino Pai Eterno.¹ A participação desse fiel ocorre por etapas, pois:

Fazer romaria não significa somente a permanência no local do santuário, mas requer saída, preparo, fazer a promessa, acontecer o milagre e cumprir o voto, além é claro, da íntima união entre o devoto e o santo, que participa de todas as suas manifestações de piedade cotidiana (DEUS, 2000, p. 23).

O objetivo é a participação nas celebrações, sobretudo no mês em que se comemora a festa em homenagem ao Divino Pai Eterno². Socorro de Deus (2000, p. 41) destaca que: “Dentre as diferentes formas de ‘pagar a promessa’ destacam-se, via de regra, as seguintes: as longas caminhadas a pé, as filas para beijar ‘os pés do Divino Pai Eterno, os depósitos de esmolas no cofre do santo, rezar o terço e ladainhas”. E, assim, existe uma lista enorme que consiste, muitas vezes, em formas piedosas de retribuição ao santo, pela graça recebida ou pelo o que, ainda, se espera. A visitação de devotos ao Divino Pai Eterno caracteriza também como variadas formas (peregrinas) da tradição cristã.

A PEREGRINAÇÃO E SEUS RITUAIS

A partir da Idade Medieval, as viagens peregrinas aos santuários tornaram-se uma constante prática de devoção do cristianismo ocidental. Há, portanto, a observar-se como a peregrinação se fundamenta a partir da história bíblica com a missão dos profetas de Cristo, como assim é a história de Tiago Zebedeu, na Galícia. Para tanto, compreende-se que:

Etimologicamente, de acordo com a herança romana, o peregrinus era o forasteiro, aquele que estava em terras estranhas. Contudo o termo foi adquirindo um outro sentido, e, sobretudo a partir do século XI, passou a designar o viajante em direção a uma terra santa (VIDOTTE; RUI, 2011, p. 157).

Os santuários se tornaram locais de exercício da fé, onde estão preservadas as relíquias ou as imagens de algum santo ou santa. A historiografia medieval tem enfatizado que o “peregrino é o *homo viator* por excelência”; sendo que a: “peregrinação é uma metáfora do aperfeiçoamento espiritual” [...], (VIDOTTE; RUI, 2011, p. 157). Ser peregrino significa vivenciar as experiências tanto na viagem como no santuário, aonde homens ou mulheres assumem a sua crença no que se quer alcançar como recompensa. E, assim, fazem da peregrinação uma prática de devoção, que vem demarcando as *fronteiras do humano* desde a cristandade medieval.³

Com o surgimento dos santuários na Europa medieval, iniciaram-se as longas viagens de fieis em devoção ao padroeiro daquele local, tornando-se uma forma de gratificação pessoal para cada fiel peregrino. Desse modo, a peregrinação relacio-

na-se à *dimensão humana*, pela compreensão de si com a profundidade do ser, notadamente como “à realidade peregrinante da condição humana” (PÉREZ LÓPEZ, 2015, p. 13). Exsurge a ordenação e estruturação de uma direção, orientando o sentido das experiências de cada fiel, peregrino ou romeiro, para o cumprimento de uma promessa, ou para encomendar ao santo ou a santa uma graça. Nesse sentido, a razão da existência peregrina encontra-se fundamentada a partir das narrativas bíblicas, nas encíclicas papais e nas pastorais de bispos. São, pessoas, provenientes de diferentes localidades do mundo, que têm visitado, constantemente, santuários em diversas regiões da Europa e do mundo desde a cristandade medieval aos dias de hoje.

Cabe atentar-se para o sentido histórico das peregrinações a partir de estudos de que:

Las peregrinaciones a los lugares en que se guardaban reliquias importantes, bastante numerosas a partir del siglo IV, se convirtieron en el motivo principal de casi todos los viajes durante más de mil años, hasta la llamada época de los descubrimientos, y determinaron la estructura de las comunicaciones e las formas de la economía europea; no sólo crecieron ciudades importantes alrededor de las reliquias: también se organizaron ferias regionales, nacionales e incluso internacionales, en fechas que coincidían con las procesiones anuales en honor de los restos de los santos más venerados, mucho más valiosos que el oro y la plata (DÍAZ DE BUSTAMENTE, 2014, p.189).

Por isso, as peregrinações se tornaram eventos que determinam a dinâmica de crescimento das cidades, a exemplo de Santiago de Compostela, na Espanha e de outras partes do mundo. Por esse viés, se compreende como a igreja católica se apropriou da peregrinação como fenômeno do cristianismo no ocidente, estendendo-se aos países de colonização europeia (portuguesa e hispânica). No Brasil, o cristianismo adquiriu magnitude a partir dos séculos XVIII e XX, com o surgimento de santuários de peregrinação em várias localidades. Estes recebem milhares de fieis durante as festividades em homenagem ao santo padroeiro ou a santa padroeira. Assim, pode-se compreender como a cristandade religiosa atravessou o Atlântico, e abriu perspectivas, para a dimensão humana, tendo como fio condutor à devoção com as romarias (peregrinações). Se a peregrinação faz parte da trajetória e da condição espiritual da vida do fiel. Daí se considera que a “peregrinação é um sinal natural da condição humana. Somos caminhantes, a nossa vida é necessariamente uma peregrinação espiritual e muitas vezes também material” (PÉREZ LÓPEZ, 2015, p. 13).

Por esse viés, é possível trazer à luz a história das cidades brasileiras, a exemplo de Trindade, entre a segunda metade do século XIX e início do XX, a partir da ação da igreja católica goiana que: “traçou a engenhosa e paulatina clerica-

lização romanizadora em Goiás” (DEUS, 2000, p. 24), cujo foco estava nas celebrações religiosas configuradas sobre a imagem da santíssima Trindade sobre o poder de leigos; mas, enfim, a contenda episcopal e laica resultou na implantação do cristianismo romano pelo bispo e seus apoiadores. A igreja consagrou-se o santuário em homenagem ao Divino Pai Eterno, posteriormente, o lugarejo passou a se chamar Trindade, que ingressaria num ciclo de devoção por fieis romeiros. Estes encontraram através da caminhada peregrina, a pé ou em carro de bois, maneiras de expressão e manutenção da tradição cristã. Assim se explica o surgimento da romaria de Trindade, bem como o seu enredo histórico com o árduo trabalho no campo, quando o casal descobriu a peça com imagem, que, provavelmente, fora perdida a muitos anos, talvez por bandeirantes que passaram pela região. Tal fato possibilitou tecer os fios da história rural e religiosa em que gerações e gerações têm encontrado o sentido da devoção peregrina, notadamente entre os meses de junho e início de julho de cada ano. No santuário, o romeiro deposita as oferendas, se faz os pedidos e agradece pela graça, que em sua visão foi concedida pelo Divino Pai Eterno.⁴ São maneiras de vivência mística em torno das celebrações e visitas aos lugares já consagrados como espaço de inteiração dessa busca religiosa. O exemplo desse ato é o exemplo do beijamento à fita que se conduz da imagem do Divino Pai Eterno; a fila de fieis é imensa para o gesto de tocar a fita e beijá-la.

Dessa forma, a representação encontra-se no campo do sagrado mediatizado pelos rituais, símbolos, normas e crenças. Sendo, portanto, um acontecimento da condição humana com as suas temporalidades em que diferentes identidades se entrecruzam no tempo presente. Não se nega a eficácia simbólica (LÉVI-STRAUSS, 1957). A sensibilidade histórica tem permitido a interação com o tempo vivido no passado, bem como o convívio entre pessoas em todo o percurso até esses santuários, tanto na Europa quanto no Brasil. É assim que a prática religiosa permite uma encruzilhada da vida entre *sagrado e profano* (ELIADE, 1996, p. 164), uma vez que:

O homem religioso assume um modo de existência específica e sempre reconhecível no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto em que se encontra, o homo religiosus acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta santificando-o e tornando-o real.

As histórias de vida são referenciadas como lembranças de uma temporalidade passada, que, por sua vez, persiste no presente por intermédio de gestos como apreensões de algo sagrado, que se torna real.

Se percebe que a socialização através da peregrinação, entre essas pessoas, permite o refazer de novas experiências no tempo. Mas, há os que preferem realizar a caminhada solitária, com objetivos próprios que não diferem das expectativas dos demais peregrinos santiaguenses ou dos romeiros trindadenses, silenciosos. Pois:

Uns o percorrem por questões de fé, alguns para pagar promessa ou pedir uma graça, outros pela peregrinação em si e há os que vêem no Caminho uma metáfora de suas próprias vidas. Há aqueles que simplesmente vão a ele como a um belo roteiro turístico ou como um desafio a si mesmos ou por uma infinidade de outras razões⁵.

A chegada ao santuário se transforma no exercício de contemplação, tornando-se parte do ciclo metafísico conectado à vida particular de cada fiel, que se expressa de forma interativa com as imagens do santo na matriz. A exemplo do abraçamento à imagem de Tiago na matriz de Santiago de Compostela, onde estão as relíquias desse santo. O peregrino também enfrenta uma longa fila até alcançar as costas de Tiago e executar o gesto de abraçá-lo.

Se observa que os dois santuários têm origens históricas muito diferentes, mas mantêm a tradição cristã resplandecente como devoção e com as tradicionais viagens peregrinas desde o cristianismo da Idade Medieval na Europa, aos dias atuais e em terras santas diversas. Pois aqui também se preserva a devoção peregrina a partir das viagens às romarias, como expressão do cristianismo para além das fronteiras atlânticas. Assim se explica o surgimento da festa em homenagem à Santíssima Trindade, cujas evidências estão no passado rural do século XIX, do casal Constantino Xavier. Dessa forma, a temporalidade passada encontra a explicação na descoberta do medalhão, que abre as perspectivas do encontro com o sagrado a partir da romaria, que se formou com o descobrimento da peça iconográfica. O santuário de Trindade é a história da contemporaneidade conectada à ruralidade do povo goiano, entre o século XIX e do XX. Nesse sentido, alguns elementos que têm presença na perseverança de fieis-romeiros estão imbricados na vida do homem camponês do passado. A importância da busca religiosa com a devoção ao santo se relaciona, muitas vezes, a cultura da região, a exemplo de outras festas espalhados pelo Brasil.

Tanto o peregrino santiaguense como o romeiro trindadense (este também é peregrino), são fieis que apreendem o sentido das experiências, como ciclo metafísico, ressaltando as viagens peregrinas como manutenção do cristianismo.

O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JÖRN RÜSEN EM NARRATIVAS DE FEIS-PEREGRINOS

A história como ciência traz à luz a compreensão das sociedades do passado, bem como as do presente (atualidade). Assim, as perspectivas sociais, políticas

e religiosas de cada indivíduo, podem ser entendidas a partir de teorias a exemplo das “tipologias da constituição histórica de sentido”, explicadas com as “carências de orientação da vida”, de Jörn Rüsen. O que possibilita entender a cultura religiosa através da narrativa de fieis peregrinos, como sentido aos acontecimentos da vida prática a partir da ausência, como sentimento de algo perdido.

As narrativas tornam-se fontes para a escrita histórica que permitem explorar as experiências, sejam as de cunho religiosas, como as culturais que também podem ser compreendidas a partir desse universo teórico. O tratamento da ciência histórica a esse tipo de fonte histórica, permite fundamentar “de que a narrativa é a maneira como esta atividade é produzida e [...] – mais precisamente, uma história – é o produto dela. (RÜSEN, 2010, p. 94). Assim, a “[...] narrativa é um processo de *poiesis*, de fazer ou produzir uma trama da experiência temporal tecida de acordo com a necessidade da orientação de si no curso do tempo” (RÜSEN, 2010, p. 95). Essa *trama* é construída pela vida prática a partir das experiências das fronteiras humanas (cotidianamente) em uma determinada temporalidade da vida.

As narrativas de fieis santiaguenses ou trindadenses trazem à luz os acontecimentos durante os vários dias de caminhada, que se transformam em experiências da vida prática. As quais se permitem entender o porquê: –indivíduos católicos têm transitado por longos percursos em celebração ao santo de um determinado santuário. Se, de fato, essas pessoas encontram o sentido para as ações práticas da vida; entendendo o porquê à vivência se torna numa constante busca de sentido. No caso desses fieis, peregrinos-romeiros, sejam homem ou mulher, às lembranças memoráveis do passado evidenciam a temporalidade experienciada antes e depois da trajetória de devoção peregrina. Desse modo, eles procuram dar sentido às ações práticas do presente, como sendo o universo *de sentido* à vida, pois:

A diversidade cultural tem, portanto, uma raiz comum exatamente onde a humanidade inicia a evolução natural do gênero humano, ou seja, onde o gênero humano é forçado a desenvolver a cultura tendo em vista a sua sobrevivência. [...]. O ser humano tem que interpretar seu mundo para poder viver nele e consigo mesmo (RÜSEN, 2014, p. 26).

As tipologias conceituais de consciência histórica, desse autor, permitem apreender o sentido da espiritualidade peregrina numa dimensão humana, das experiências do indivíduo no tempo. O tempo vivido no passado que influenciou a ser peregrino; ou o tempo vivido e experienciado na longa travessia terrestre, ou o tempo como expectativa no futuro pós peregrinação (o retorno). Esses

momentos significam, sobretudo, as experiências da transcendência representativas no recomeçar –“orientador da sua carência”– (RÜSEN), que podem ser interpretadas como ciclos de apreensão do sagrado com explicações temporais da vida prática. A concepção de espiritualidade permite observar a existência de um humanismo que se legitima pela devoção e fé peregrina.

Nesse caso, concorda-se de que: “Todas as civilizações possuem narrativas que, em última instância, representam o ciclo do herói: o abandono da segurança em busca de aventuras que sempre colocam em risco a existência” (Auro Lúcio Silva, *Portal do Peregrino*. Acesso em: 15 de outubro de 2016). As experiências adquiridas e, muitas vezes, partilhadas entre pessoas trazem os aspectos da dimensão humana no presente, de que esse fiel consegue se projetar, positivamente, por meio da peregrinação como a grande caminhada humana na temporalidade: “[...] – emerge cada vez mais próxima do grande objetivo: alcançar o inefável a partir de nossa estrutura humana, [...]” (Auro Lúcio Silva, *Portal do Peregrino*. Acesso em: 15 de outubro de 2016). Nesse aspecto, as diversidades se entrecruzam num sentido único ao da história cristã, seja o sentido da história protagonizada através da tradição *inventiva* sobre Tiago, como peregrino, que deu origem ao santuário de Compostela; ou como a sua transformação em santo (*post mortem*), ou o sentido que o fiel encontra na peregrinação e no encontro das imagens santuarísticas.

Cabe também relembrar o santuário e a devoção ao Divino Pai Eterno, com a descoberta do medalhão pelo casal de camponês. Por fim, os dois santuários como eventos de cultura cristã estão muito distantes, geograficamente e historicamente, com uma diversidade cultural em vários sentidos. São formas de vivências da fé cristã através da devoção peregrina tanto em Compostela como em Trindade. O primeiro, têm atraído milhares de fieis como viajantes-peregrinos à Galiza desde a medievalidade aos dias atuais; já o segundo, atraí fieis como viajantes-romeiros desde o século XIX, que, ainda, trazem consigo utensílios da ruralidade goiana dos séculos XIX e XX. Esse romeiro perfila, muitas vezes, a pé ou em carro de bois, longas trajetórias até à cidade de Trindade.

Nesse sentido, o espaço físico como sendo de peregrinação traz dimensões acerca da compreensão, que os envolve como peregrinos pela fé cultivada; a exemplo da narrativa dessa senhora: “[...]. Pra mim é mais que um santo é uma força interior que tenho, a força da fé”. (DEUS, 2000, p. 133). O encontro com o sagrado está para além do caminho das longas viagens numa perspectiva do ciclo metafísico. Pode-se observar que:

O caminho caracteriza-se – não o podemos esquecer, pois é uma das suas riquezas – pela sua diversidade, pela sua dimensão multicultural, pela pluralidade de culturas, pela sua dimensão transnacional, pela possibilidade de síntese entre o

popular e o erudito, entre o material e o imaterial (SÁNCHEZ BARGIELA, 2015, p. 34).

Aqui os fios teóricos da *carência de orientação*, de Rüsen, fornecem pistas à compreensão do sentido do *fazer* o percurso terrestre, cruzando cidades, montanhas, vales, até à cidade de Santiago de Compostela, ou a outros espaços de longas viagens peregrinas. O romeiro trindadense também cruza cidades, campos, pernoita ao relento em algum pouso improvisado. As experiências durante o tempo vivenciado em todas as etapas da trajetória do caminho de Santiago, e também no percurso que o leva até o Divino Pai Eterno, estão imbricadas numa tipologia de compreensão das ações desses fieis, como orientação das suas carências a partir de tipologias de *consciência histórica tradicional e exemplar*. Assim, o fiel narra a chegada ao santuário do Divino Pai Eterno: “Sempre na chegada eu venho e faço minhas orações aqui. [...]. minha tradição é sempre chegá e entrá na igreja, depois que a gente vai se divertí. Entendeu?” (DEUS, p.135). A narrativa expressa a um tipo de consciência tradicional, pois a presença no santuário está relacionada ao presente, bem como o exercício da chegada com as orações. A tradição se dá pela repetição e pelas orações, estas são sempre as mesmas do catecismo católico. A representação cristã é “o ordenamento do mundo e das formas de vida”; [...] “o tempo é eternizado enquanto sentido” (RÜSEN, 2015a, p. 211). O objetivo é o de encontrar explicações no presente, que possam ajudar a compreender os sentimentos, causados pela ausência, de algo perdido, ou apreendido como a graça suplicada ao santo.

São, portanto, as tramas diárias da vida, provocativas à carência de estrutura de orientação emocional. Além da interação individual de cunho religioso ou cultural constituída por meio das relações interpessoais, que se permitem projetar a partir dessas experiências as suas perspectivas futuras. As experiências religiosas e culturais podem ser produzidas de “[...] diferentes tendências e da inter-relação complexa e até mesmo conflituosa”, sendo compreendidas como “a ideia de humanidade humanizada, representada por cada pessoa singular e também por cada comunidade social” (RÜSEN, 2015b, p. 138). As experiências do passado se mantêm como modelos de orientação à complexidade da dimensão humana. Muitas são as histórias que explicam as lembranças do passado, uma vez que a devoção é a recompensa subjetiva ao sofrimento.

Para muitos fieis, a apreensão do sagrado com as suas expectativas subjetivas neste universo, notadamente, o sentido da finitude imensurável com a morte. Pois

A experiência mais radical do tempo é a morte. A história é uma resposta a este desafio: é uma interpretação da experiência ameaçadora do tempo. Ela supera a incerteza ao compreender um padrão significativo no curso do tempo, um pa-

drão que responde às esperanças e às intenções humanas. Este padrão dá um sentido à história. A narrativa é, portanto, o processo de constituição de sentido da experiência do tempo (RÜSEN, 2010, p. 95).

A crença é a solução de problemas da perseverança humana, que também se explica pelas teorias da antropologia. Essa dimensão de estrutura antropológica contribui para o esclarecimento das experiências marcadas pelo sofrimento físico também, mas com recompensas, segundo a narrativa desses fieis. Por isso, o tempo experienciado adquire um sentido particular, o que é próprio para cada um. Para Rösen (2014, p. 264) existem:

quatro dimensões antropológicamente universais do tempo: o presente como o mundo vital experimentado e vivido; o passado como espaço de experiência; o futuro como espaço da expectativa no sentido dos lineamentos pragmáticos das projeções e dos prognósticos apoiados na experiência e, por fim um (meta) tempo abrangente e superior, que une as três dimensões num contexto de sentido.

As perdas dos referenciais identitários trazem para o indivíduo a ausência de sentido do estar no mundo, pois “a morte consiste na experiência mais radical do tempo para o indivíduo”. (RÜSEN, 2010, p. 95). A busca do sentido a partir da apreensão de uma crença, ou algo explicativo, seja “com seu mundo e consigo mesmo” (RÜSEN, 2015a, p. 122), objetiva reencontrar as identidades perdidas com as ausências, notadamente, com a morte. Para alguns, as experiências significam a busca da identidade como dimensão humana religiosa, uma vez que o exercício de interação com as imagens nos santuários torna-se a vivência do *eterno retorno* (ELIADE, 1992). Sendo, portanto, a orientação de sentido para a vida. As tipológicas de “consciência histórica” e de “*discurso semântico da simbolização*”, de Jörn Rösen, fornecem a semantização simbólica, seja para a compreensão do sentido de crença religiosa e peregrina como experiências práticas. Com a teoria da narrativa pelas tipologias da *consciência histórica*, pode-se entender a crença, muitas vezes, no sentido de supressão à carência de orientação sofrida com a ausência. A facticidade do sentimento do fiel, peregrino-romeiro, tem relação direta com as perdas, com a lembranças e a com saudade.

Nesta narrativa se observa como a ausência está presente: “[...] Quando eu fico veno ai esse movimento que eles dizem que é do Divino, eu fico alembrando do meu pai, porque ele já morreu faiz vinte ano e aí me dá muita saudade”. (DEUS, p. 133). A *carência de orientação* é manifestada pela fiel com a perda do pai, como assim é o sofrimento vivenciado com as ausências humanas em vários aspectos na vida de muitos fieis-peregrinos.

A busca religiosa peregrina pode ter aspectos que encontram valores e comportamen-

tos na dimensão humana, a exemplo das lembranças do passado que permanecem no presente, mas podem adquirir novas perspectivas de futuro, seja para uma pessoa religiosa, ou para quem faz o caminho por outra razão. O exemplo é esse peregrino que dissera ter tido: “[...] um tempo totalmente à minha disposição, uma viagem interior, um retiro, um tempo para rever a minha vida”. A sua viagem se iniciou em:

12 de agosto de 1998 às seis horas da manhã eu estava no sopé do Pirineus franceses começando uma jornada de 31 dias e 708 km de muito sofrimento físico, mas também de muito enlevo espiritual, de êxtase perante a solidão com Deus e a natureza⁶.

A sua dimensão humana se fundamenta nos seus limites físicos, tendo a temporalidade como explicativa, permitindo o sentido reconstrutivo. O encontro do sagrado tem, muitas vezes, a finalidade de suprimir uma necessidade explicativa para os acontecimentos da vida prática e o “futuro desejado”. Nesse aspecto, a história permite explicar e “[...] dar plausibilidade aos projetos de futuro que orientam a ação” (RÜSEN, 2014, p. 47). Daí se apreende os elementos que possibilitam dar significado aos problemas das carências com as ausências, deixadas pelas perdas irreversíveis, ou a apreensão de algo que se deseja alcançar. Tal é o sentido da fé como religião cristã, ao mesmo tempo, como: “A religião é uma produção cultural da interpretação humana do mundo que, na contingência, pode ser vivida e demonstrada como algo carregado de sentido”. (RÜSEN, 2014, p. 55). Há, portanto, que se considerar as críticas de Rösen à religião, como modelo de salvação da humanidade, uma vez que este teórico tem como princípio a razão iluminista, na qual o homem deveria romper com os sistemas metafísicos (REALI, 2005). As expectativas e esperanças mediadas pelo tempo, a exemplo do que se expressou Paulo Césare e outros fieis trazem o sentido tanto da experiência da espiritualidade com a chegada e com o retorno. Se observa que o tempo passado permeava o presente de forma a demarcar a ausência. Ele narra que:

Naquela viagem eu descobri que estava fazendo o Caminho em função do passado, em busca de pessoas que estavam comigo, que me ajudaram, que fizeram parte da minha vida, mas que não mais me pertenciam⁷.

Césare, como um peregrino, se orientou através do passado. O sofrimento como sendo a carência de orientação, mencionando o que não mais lhes era possível. Ele narra que pessoas, as quais estiveram presentes em sua vida e que não mais estariam, influenciaram às decisões até Santiago de Compostela. Nesse sentido,

a razão prática autônoma com sua orientação para a humanidade sempre já depende das realizações do passado inalcançáveis por ela mesma, as quais estão presentes e são eficazes nas circunstâncias atuais da ação humana. A religião manifesta, em sua própria linguagem, essa imemorialidade dos dados de sentido (RÜSEN, 2014, p. 56).

O fiel (peregrino) delimita a apreensão de sentido a partir de uma consciência histórica, a ausência causadora do seu sofrimento, o que para ele pode ser resolvido a partir da compreensão da finitude. Césare mostra como conseguiu interagir a uma nova dimensão de compreensão humana a partir das experiências. Para Césare, a fé é a sua “força do concreto” transcendeu o infinito, associando-se a infinitude (futuro), que se transforma, talvez, na fase mais desejada: –a chegada à cidade de Santiago de Compostela; em seguida, a interação com as relíquias expostas no Santuário da Matriz; a transcendência acontece com o aceitar das suas perdas a partir do que é vivido e compreendido: –o porquê da ausência e o sentimento sofrível.

A dimensão de compreensão humana tem importância como apreensão de referenciais identitários fundamentados por um tipo de devoção, ou de religiosidade defendida e apreendida por esses fieis em exemplos no cristianismo. Essa busca pode ser negada ou partilhada na perspectiva do que se coloca Jörn Rüsen como sendo o “conceito moderno de Humanismo”, que seja o da alteridade como a “[...]outra pretensão de universalidade como espírito do seu próprio espírito de universalidade da religião e libertá-lo das coerções da subjugação e assimilação de todo o diferente”. (2014, p. 317). As histórias de vidas são partilhadas e concebidas. Cabe, portanto, perguntar se a espiritualidade apreendida propõe a assimilação da proposta de libertação das *coerções da subjugação* do outro, do diferente, que pode estar em sintonia para uma *consciência histórica genética* (Rüsen), pautada pela alteridade.

A compreensão das tramas tecidas pelo ser humano como dimensão do passado, presente e futuro, cabe respostas a partir da “[...] teoria da história [que] assume, [...] no campo da formação histórica, uma função didática de orientação” (RÜSEN, 2001, p. 49), como possibilidade de ser aplicada aos eventos religiosos com a sua historicidade, notadamente no cotidiano dos fieis, que participam das celebrações em festas religiosas, missas, entre outras. Daí, não se pode desprezar as maneiras de exteriorização dos sentimentos de encontros consigo mesmo, ou com as pessoas próximas. Como assim se expressou esse peregrino.

Como, minha senhora? E quanto a mim? Bem, dizem que o caminho de cada um começa realmente quando se retorna para casa, teoria aparentemente abraçada

pelo poeta-peregrino que escreveu o seguinte poema, que encontrei no albergue de Manjarin:

*Peregrino que subes montes para ver horizontes
Alma errante y dolorida com hombre de verdades
Que busca solidades para tener compania.
Mente vagabunda peregrina
Que vuela mas que camina
Que aun que llega, y ya se va.
Tu camino va a Santiago, y tu...⁸*

Nota-se que o peregrino fixa o seu olhar no poema e o adota como explicação para as suas caminhadas como apreensão de sentido para a sua vida e a de sua companheira. Segundo ele, existe uma teoria que é a do *retorno*. Nada mais plausível à explicação fundante através do retorno *post mortem* do apóstolo Tiago à Galiza, onde ocorrera o seu sepulcro. Para o caso do santuário de Trindade explica-se pela descoberta do medalhão e da irmandade que se encarregou da organização das festividades em homenagem a Santíssima Trindade, as três pessoas do tríduo. A teoria do *retorno* permite apreender o significado do “eterno retorno”, como bem a elaborou Mircea Eliade.

As obras de Eliade trazem o fio condutor para a compreensão de como a igreja católica procurou dar sentido ao eterno retorno quando o peregrino ou o romeiro, alcança esse retorno como conforto para o seu sentimento; pois “[...] o sofrimento começa a se tornar tolerável; adquire um significado e uma causa, podendo assim ser encaixado dentro de um sistema e explicado” (ELIADE, 1992, p. 91). Por um lado, é possível que a religião cristã traz à luz o sentido para as angústias carregadas de emoções com os sofrimentos. Pois o sentido

...torna possível a orientação. Ele [o peregrino: homem ou mulher] situa a vida humana no horizonte das interpretações; torna o homem e o mundo compreensíveis; possui uma função explicativa; forma a subjetividade humana no construto coerente de um ‘eu’ (pessoal e social); torna o sofrimento suportável e fomenta o agir pelas intenções (RÜSEN, 2015, p. 42).

A busca da espiritualidade, bem como as explicações conduzem a apreensão de sentido do tempo em suas vidas –tanto no santuário Santiago de Compostela como no santuário de Trindade–, como *orientação da vida prática* e como protagonistas da história vivida nas longas trajetórias, uma vez que: “Os peregrinos [os romeiros] são um elemento vivo mas efêmero, que dão forma e vida e singularizam esta rota cultural” (SÁÑHEZ BARGIELA, 2015, p. 33), através da espirituali-

dade por meio da devoção, experienciada por indivíduos que reelaboram a sua afirmação no tempo presente com perspectivas para o futuro através do *retorno*. Por fim, a proposta teórica defendida por Jörn Rüsen, no sentido de tempo a partir de tipologias de consciência histórica tradicional e exemplar como carência de orientação das experiências da vida prática, contribuem para explicar historicamente a espiritualidade a Santiago de Compostela, ou à cidade de Trindade, seja no sentido de entender o fenômeno da devoção, ainda, presente em que a razão iluminista não foi suficiente para superar o fervor da religião cristã ocidental através da peregrinação.

THE CONCEPT OF HISTORICAL CONSCIOUSNESS OF JÖRN RÜSEN IN NARRATIVES OF PILGRIMS: SANCTUARY OF SANTIAGO DE COMPOSTELA/SPAIN AND SANCTUARY OF THE DIVINO PAI ETERNO/ BRAZIL

Abstract: this research investigates some narratives of faithful, pilgrims from the sanctuary of Santiago de Compostela and the sanctuary of the Divine Eternal Father in Trindade. The theoretical approach that underpins this research understands the human dimension from the typologies of historical consciousness as a lack of orientation of life (RÜSEN). Temporalities, past, present and future perspectives, are categories for the meaning of what it is to be a faithful pilgrim, who narrate common forms of devotion to Christianity. The experiences of this faithful pilgrim, whether male or female, represent the meaning of his lack of orientation given the human absences with losses as well as suffering.

Keywords: Historical Consciousness. Pilgrims. Narratives. Europe. Brazil.

Notas

- 1 Cf. Deus (2000, p. 132-4), que cita as confusões entre o Pai Eterno e o Espírito Santo.
- 2 Não há um único caminho de peregrinação até o santuário como também não existem caminhos trombados pela Unesco como itinerários culturais a exemplo do caminho francês de Santiago de Compostela.
- 3 As explicações podem ser encontradas em relatos publicados em livros, sites, revistas, jornais, bem como em fontes arquivísticas e constituem-se em um material que traz informações que exploradas por historiadores, antropólogos, linguistas e outros investigadores.
- 4 Cf. Deus (2000, p. 132-4) cita as confusões entre o Pai Eterno e o Espírito Santo.
- 5 Site: <<http://amigosdocaminho.com.br/o-caminho-de-santiago-de-compostela/>>. Acesso em: 8 ago. 2016.
- 6 Site: <<http://caminho-de-santiago-de-compostela.com.br/>>. Acesso em: 15/10/2016, p. 1.
- 7 Paulo Césare. Relatos Peregrinos <http://www.caminhodesantiago.com.br/relatos/pgiordan>. Acesso em: 27/06/2016.
- 8 Alexandre Dorneles. <http://www.caminhodesantiago.com.br/relatos/>. Acesso em: 26/06/2016).

Referências

- SÁNCHEZ BARGIELA, Rafael Sánchez. The way of St. James as a cultural route. In: *The Way (The Origin)*. Xunta de Galicia. Cidade da Cultura de Galicia. Museo Centro Gaiás, p. 27-34, 2015.
- DEUS, Maria Socorro de. *Romeiros de Goiás: a romaria de Trindade no século XX*. Dissertação. Mestrado em História das Sociedades Agrárias. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2000.
- DÍAZ DE BUSTAMANTE, José. Reliquias y listas de reliquias en el entorno del Codex Calixtinus. *Identidad europea e intercambios culturales en el Camimo de Santiago (Siglos XI-XV)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2013.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- LEAL, Oscar. *Viagem às Terras Goyanas (Brazil Central)*. Goiânia, GO: Editora UFG, 1980.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LOPEZ, Segundo L. Pérez. Present and future of the Saint James Pilgrimage. In: *The Way (The Origin)*. Xunta de Galicia. Cidade da Cultura de Galicia. Museo Centro Gaiás, p. 13-22, 2015.
- <http://www.catedraldesantiago.es/es/el-camino>. Acesso em 08 de agosto de 2016.
- <http://amigosdocaminho.com.br/o-caminho-de-santiago-de-compostela>. Acesso em: 08 de agosto de 2016; acesso em: 15 de outubro de 2016.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Do Humanismo a Kant*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005
- RUCQUOI, Adeline. Santiago de Compostela y Europa: ¿intercambios? ¿Identidad?. In: MARTINEZ-MORÁ; et. al. *Identidad europea e intercambios culturales en el Camimo de Santiago (Siglos XI-XV)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2013.
- RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Tradução de Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba/PR: Editora UFPR, 2015a.
- RÜSEN, Jörn. *Humanismo e Didática da história*. Org. e Trad. Maria Auxiliadora Schmidt; et. al. Curitiba: W. A. Editores, 2015b.
- RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Tradução de Nélcio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Trad. Peter Horst Rautmann, et.al. Curitiba: W&A Editores, 2012.
- RÜSEN, Jörn. *História viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Trad. Estevão Costa de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2007.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão Costa de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SILVA, José Trindade da Fonseca. *Lugares e pessoas* – Subsídios eclesiásticos para a história de Goiás –. 1º.V. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1948.

SILVA, Maria da Conceição. *Política e hegemonia na Igreja Católica: um estudo sobre a Renovação Carismática*. Goiânia: Kelps, 2001.

VIDOTTE, Adriana; RUI, Daílson José. Caminhos físicos, Imaginários e Simbólicos: O culto a São Tiago e a peregrinação à Compostela na Idade Média. *Projeto História* n.42, p. 143-161, junho de 2011.